

Desservindo a democracia

JOSE HELDER DE SOUZA

Vemos crescer, nestes dias, nova onda contra o Congresso Nacional. Apedrejam o telhado da representação popular, como de outras vezes, de modo injusto. O pretexto para a onda de reparos ao Legislativo é a falta de número em plenário para a aprovação de matérias constantes da pauta de votação. Aos menos avisados, aos que por acaso são atingidos por essa onda de apressados críticos da Câmara e do Senado, pode parecer que nunca ocorreu falta de número em plenário e que se trata de uma casa de faltosos, de relapsos, o que em verdade não é justo.

Quem acompanha a vida do Congresso sabe que a falta de número não é um fenômeno de hoje. Sempre houve exigüidade de **quorum**, ora mais ora menos. Vem de priscas eras a ausência de parlamentares durante certas épocas, principalmente quando da renovação das duas casas legislativas, como estamos vendo neste ano.

No Rio de Janeiro o Congresso funcionava de modo muito pouco diferente de como atua em Brasília. Lá, como cá, havia claros na frequência dos parlamentares. O Rio, por seus encantos e por peculiaridades políticas de centro do poder na época, retinha por mais tempo os parlamentares no Monroe e no Palácio Tiradentes. No entanto, quando se feriam as campanhas eleitorais nos estados, dificilmente, bem como agora, conseguia-se obter número de plenário. Os parlamentares precisavam e precisam sobreviver politicamente, conservar o mandato popular.

Em 1960, transferido para Brasília, o Congresso, como outros setores de nossa sociedade, investia, em boa parte, contra a nova capital — era moda falar mal da cidade e de seus construtores. Logo, no entanto, a maioria dos deputados e senadores descobriu as excelências da vida e a facilidade de trabalho no Planalto Central. Mas a descoberta de Brasília, assim mesmo, não acabou com a falta de número quando os representantes se vêem na necessidade de estar junto de seus eleitores. Pode-se lembrar que, dois anos depois de transferida a capital, o Congresso, em 1962, enfrentou uma renovação. Como não havia **quorum** inventou-se o chamado "esforço concentrado". Vai ser muito difícil reter em Brasília, como sempre foi, número suficiente de congressistas. Para esgotar a pauta de votação das duas casas, deveria ser reeditado o "esforço concentrado" com a vinda maciça de deputados e senadores em determinados dias da semana. Apedrejar o telhado do Congresso não serve à democracia. Serve ao desenvolvimento da democracia vigiar os representantes e, com consciência, consagrar nas urnas os que realmente se identifiquem com os propósitos democráticos da próxima Constituinte.